



**RESENHA**

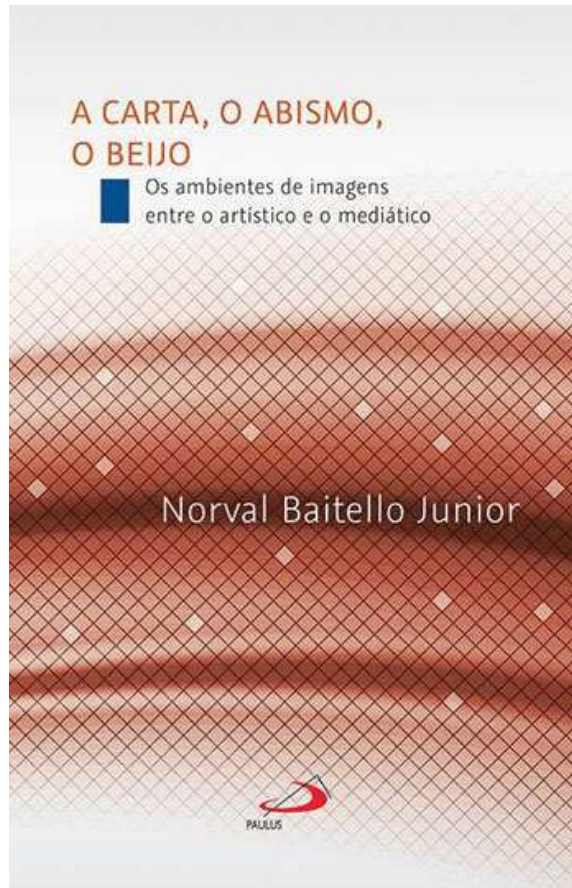
**Nos meandros abissais da imagem**

**Isabela Yankous Vale Santos Rezende**

**Silvio Ricardo Demétrio**

**DOI 10.5433/1984-7939.2019v15n27p255**

## Nos meandros abissais da imagem



BAITELLO JUNIOR, Norval. **A carta, o abismo, o beijo:** os ambientes de imagens entre o artístico e o mediático. São Paulo: Paulus, 2018.

Isabela Yankous Vale Santos Rezende\*

Silvio Ricardo Demétrio\*\*

---

\* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina.

\*\* Doutor em Comunicação pela Universidade de São Paulo. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina.

Norval Baitello Junior é doutor em Ciências da Comunicação e Literatura Comparada pela Universidade Livre de Berlim, atua como docente na pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, onde foi diretor da Faculdade de Comunicação e Filosofia, e criador do Centro Interdisciplinar de Pesquisas em Semiótica da Cultura e da Mídia. É professor convidado pelas Universidades de Viena (Áustria), São Petersburgo (Rússia), Évora (Portugal), Sevilha e Autônoma de Barcelona (Espanha).

Lançado em 2018, “A carta, o abismo, o beijo: os ambientes de imagens entre o artístico e o mediático” reúne trabalhos do autor que foram corrigidos, reescritos, ampliados e atualizados, originalmente publicados em eventos científicos ou culturais, em anais ou catálogos restritos, de difícil acesso, ou em línguas estrangeiras. O texto do último capítulo é inédito. O livro contém um prefácio para os 16 capítulos vindouros, terminando com uma parte composta por notas que trazem informações sobre cada um deles.

No prefácio, Baitello Junior elucida o fio condutor dos trabalhos selecionados, constituído pelas imagens produzidas nos vãos entre os ambientes artísticos e mediáticos, as quais não permitem uma leitura puramente estetizante — ao citar Aby Warburg e Walter Benjamin, o autor explica que a natureza estética da imagem tem raízes míticas e de culto, estando, na contemporaneidade, ancorada em seu “valor de exposição”.

No capítulo 1, é discutido o paradoxo existente em toda mídia, como a carta, e esta ambivalência se dá pelo abismo entre a proximidade e a intimidade dos vínculos, e a distância e a estranheza da separação, simbolizada pelo papel. A escrita eletrônica, por sua vez, evoca o mistério do não tempo, quando tudo é registrado

para desaparecer. Assim, o apagamento dos rastros é a natureza da contemporaneidade, com suas imagens efêmeras.

No capítulo 2, a sociedade humana é comparada a uma sociedade entômica, que fornece o padrão de “trabalho de formiga”, onde a produção de cada indivíduo parece insignificante, sendo, porém, monumental no conjunto da obra. A semelhança com o inseto se relaciona ao conceito de “ocidentação”, de Dietmar Kamper, que diz respeito, entre outras coisas, ao hábito de viver nas entranhas, como a circulação pelos túneis nos grandes centros — é oposto ao conceito de “orientação”, uma busca ao sol nascente e à luz do dia.

No capítulo 3, são feitas reflexões sobre as videoinstalações do artista Fabrizio Plessi, que retratam São Paulo. Constituídas por imagens sonoras e visuais da água, a materialidade do elemento é suprimida pela própria imagem, transformando-a em espírito, da mesma forma que a cidade torna tudo um ícone. O autor afirma que toda imagem é um paradoxo, como uma ausência presente, ou uma presença ausente, numa dicotomia abissal.

No capítulo 4, considera-se o vínculo ancestral do homem com a luz, uma vez que sua visão é diurna, e suas atividades de caça, coleta e cultivo se desenvolvem melhor em períodos iluminados. As imagens noturnas se relacionam às aparições monstruosas, contudo, o dia criou os sonhos do lucro e da competitividade exorbitante. Baitello Junior ainda mostra que a arte fotográfica é crepuscular, possibilitada pelo jogo de luz e sombra.

No capítulo 5, são estabelecidos diálogos entre os relatos pictóricos dos cadernos de viagens de Rubens Matuck e os elementos da natureza. Assim como os rios abrem sulcos no solo, cavidades são talhadas no papel pelo ato de desenhar ou escrever — que em

tupi-guarani, significa arranhar. Por fim, os detalhes dos desenhos, chamados de “mapas do invisível”, são contrapostos ao excesso de visibilidade e à falta de atenção dos dias de hoje.

No capítulo 6, Baitello Junior declara que a era da reprodutibilidade técnica tem como representante máxima a tipografia, seguindo uma lógica do mata-borrão, de uma cultura da limpeza que nega as ambivalências e as multiplicidades. A evolução para a era digital potencializa o virtual, que exige menos presença, ou seja, menos materialidade do corpo, afastando o ser humano de si mesmo, induzindo-o a uma vida meramente imagética.

No capítulo 7, que tem como objeto de análise a performance “*I like America and America likes me*”, na qual o artista Joseph Beuys passa cinco dias enjaulado com um coioote, são realizadas reflexões sobre os materiais cenográficos e seu potencial comunicativo, ou incomunicativo. A “memória da matéria” diz respeito às propriedades dos objetos, usados como condutores ou isolantes, e a “matéria da memória” está relacionada às associações culturais a partir do imaginário, como o cobre que, na mitologia, é dedicado a Vênus.

No capítulo 8, o autor afirma que, atualmente, a moda não deve ser encarada como ditadora de regras, senão como capacidade de transgredir e de criar uma segunda pele — a dimensão da moda é a dimensão das vanguardas. Como inteligência comunicativa de um grupo, é antagônica ao promover o pertencimento por meio da padronização de “tribos”, que buscam transgredir os padrões hegemônicos vigentes.

No capítulo 9, são feitas considerações sobre a exposição “Arquitetura Paralaxe: Apparatus Lapsos Virtual”, de Alexander Pilis, que retorna ao tempo quando as imagens eram diluídas, como

ausências visíveis. As miragens no deserto, por exemplo, são criações imagéticas que moviam os viajantes para o fim vitorioso. Também deste ambiente inóspito originaram-se os estudos ópticos, sobre o atravessamento das lentes e prismas pelos raios.

No capítulo 10, Baitello Junior discorre sobre a intensa visualidade que caracterizou o século XX, e a perda de espaço da escrita para os ícones nos dias de hoje. Surge, então, o conceito de iconomania — ao citar Günther Anders, o autor explica que essa hipertrofia na produção de imagens é uma rebeldia contra a oportunidade de viver apenas uma vez, pois ao ser fotografado, o indivíduo alcança uma existência múltipla, transformando-se num produto reproduzível e num registro permanente.

No capítulo 11, são expostas variantes da relação existente entre corpo e imagem. A anatomia direcionou o olhar para imagens de lâminas histológicas, e esta supervalorização de partes resulta na invisibilidade do todo. Assim, a partir da ideia do corpo estilhaçado, o autor discute sobre funções neurológicas e imagens endógenas; a gestualidade dos braços, das mãos e dos dedos, que auxiliam o processo de comunicação; a expressividade do rosto, sendo o *selfie* uma estratégia contemporânea contra a condenação do corpo invisível.

No capítulo 12, a descrição de um sonho dá início aos relatos de Dietmar Kamper sobre São Paulo, narrados por Baitello Junior. Mesmo que alguns deles sejam um tanto quanto oníricos, não deixam de retratar de maneira fiel a cidade, como a percepção de que praticamente toda superfície é ocupada por imagens, o que Kamper chama de *re-signação*, ou o retorno da “assinatura antropológica”, feita por signos, e não pela escrita.

No capítulo 13, são realizadas análises sobre os fenômenos midiáticos antes da queda do muro de Berlim, cuja população foi estimulada pela sociedade de consumo e seu imaginário ocidental, o que gerou uma dependência cultural. Existe, portanto, a criação de um déficit emocional, conceito de Harry Pross que diz respeito ao papel da mídia de inventar necessidades, supridas pelos símbolos distribuídos por ela própria.

No capítulo 14, o autor faz considerações sobre as imagens do livro “*By the way*”, de Thomas Nölle — suas fotografias abstratas mostram como as imagens podem seduzir o olhar do espectador, uma vez que a retina “engana” o cérebro, que vê o que deseja ver. Há uma dicotomia da imanência e da transcendência, pois as imagens são, ao mesmo tempo, janelas do mundo exterior, e veículos para o interior do ser.

No capítulo 15, ao levar em conta a natureza comunicativa do homem, o autor trabalha com a temática dos processos comunicativos e da ritualização da mídia. Citando mais uma vez Harry Pross, são expostos conceitos como a comunicação horizontal, que abrange as relações de solidariedade e amizade, e a comunicação vertical, que engloba as relações de hierarquia e poder. Ambas estão presentes no desempenho das funções sociais e na divisão do trabalho, rituais instaurados pelo tempo de uma sociedade.

O texto (inédito) do capítulo 16 trata sobre a série de obras do artista Alex Flemming, que pintava suas próprias roupas com estênceis e tinta acrílica. Metáfora da exposição exacerbada nas redes sociais, as vestes mostram não só o corpo, mas também a alma do seu dono. E, quanto aos repetitivos *selfies*, os trajes expostos são antíteses, devido à profundidade das histórias que neles habitam,

livres de máscaras estereotipadas.

Por último, em “História dos presentes textos”, o autor apresenta informações sobre a primeira versão de cada texto, como o local de publicação, data, evento etc., além de relatar as alterações que os trabalhos sofreram para serem publicados novamente.

Discorreu-se, enfim, sobre um livro de comunicação que traz importantes reflexões acerca da contemporaneidade, fundamentadas não somente por teorias da imagem, mas também por enriquecedoras contribuições de outras áreas. Esta aproximação é um dos pontos mais interessantes da obra, uma vez que certos paralelos traçados podem parecer, à primeira vista, muito distantes, mas se mostram extremamente coerentes — tal surpresa, junto da linguagem poética, que disserta sobre temas acadêmicos com maestria, proporciona uma leitura prazerosa e instigante. A obra pode gerar reflexões em pesquisas de diversas áreas, por analisar diferentes objetos: as cidades, a moda, a fotografia, o comportamento, e muitos outros pontos pertinentes para esta realidade multifacetada que vivenciamos.